

## COLETA E CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS: A TERAPÊUTICA COMUM PARTILHADA NAS ÁREAS DE CERRADO E NOS QUINTAIS DO ASSENTAMENTO RURAL FORTALEZA

### COLLECTION AND GROWING OF MEDICINAL PLANTS: COMMON SHARED THERAPEUTIC IN CERRADO AREAS AND QUINTAALS FORTALEZA RURAL SETTLEMENT

**Olivia Macedo Miranda de MEDEIROS**

oliviacormineiro@uftedu.br

Doutora em História

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Brasil

Professora na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6930347487835706>

**Leila Sousa FRANÇA**

Leila\_franca@hotmail.com

Mestra em Cultura e Território

Universidade Federal de Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins Brasil

Professora da rede estadual de ensino do Tocantins, Nova Olinda, Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/2193751116857974>

#### RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar as práticas e estratégias dos moradores do Assentamento Rural Fortaleza, localizado no município de Nova Olinda-TO, região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins, concernentemente à coleta e ao cultivo das espécies medicinais nos cerrados e nos quintais, respectivamente. Referenciando nossa discussão na Etnobotânica e nos estudos da cultura do Comum, produzimos o levantamento dos dados das principais espécies coletadas e cultivadas; o registro das formas de preparo e das enfermidades tratadas, buscando compreender como a relação homem/natureza dos moradores do referido assentamento constitui uma cultura de cura por meio do uso das plantas medicinais. As análises realizadas evidenciaram a existência de um consistente repertório terapêutico no Assentamento Fortaleza, repertório esse constituído por dois domínios intercambiáveis: o domínio da tradição intergeracional, que é responsável pela resistência e manutenção cultural dos saberes e fazeres acerca das plantas medicinais; e o domínio das soluções de saúde, que é composto por estratégias, mecanismos e ações que visam produzir resultados eficazes no tratamento de diversas doenças por meio da administração de remédios preparados com plantas medicinais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plantas medicinais; Comum; Assentamento Fortaleza.

#### ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the practices and strategies of the residents of the Fortaleza Rural Settlement, located in the municipality of Nova Olinda-TO, a region of the Valleys of the Araguaia and Tocantins Rivers, regarding the collection and cultivation of medicinal species in the cerrado and in the backyards, respectively. Referencing our discussion in Ethnobotany and in studies of the culture of the Common, we produce a survey of data on the main species collected and cultivated; the registration of the forms of preparation and the diseases treated, seeking to understand how the relationship between man and nature of the residents of the referred settlement constitutes a culture of healing through the use of medicinal plants. The analyzes carried out showed the existence of a consistent therapeutic repertoire in the

Fortaleza Settlement, a repertoire consisting of two interchangeable domains: the domain of the intergenerational tradition, which is responsible for the resistance and cultural maintenance of knowledge and practices about medicinal plants; and the domain of health solutions, that is composed of strategies, mechanisms, and actions that aim to produce effective results in the treatment of various diseases through the administration of medicines prepared with medicinal plants.

**KEYWORDS:** Medicinal plants; Common; Fortaleza Settlement.

## INTRODUÇÃO

A proposta desse artigo é analisar as práticas de cultivo e de coleta de plantas medicinais construídas pelos moradores do Assentamento Rural Fortaleza<sup>1</sup>, localizado no município de Nova Olinda -TO, região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins<sup>2</sup>. Referenciando-nos na Etnobotânica e nos estudos da Cultura dos Comuns, buscamos compreender como a manutenção da tradição cultural da coleta e de cultivo de plantas medicinais são importantes estratégias para o fortalecimento do grupo e para a construção de soluções de saúde nessa região amazônica que enfrenta, cotidianamente, dificuldades de acesso à assistência do Estado.

Com efeito, momentos de crise, como o que estamos vivendo atualmente no mundo em função do COVID-19 (SARS-CoV-2), nos conduzem a reflexões acerca dos caminhos que a humanidade vem construindo e de como esses caminhos nos trouxeram a essa situação pandêmica. Configurando-se como uma oportunidade para rever as formas como nos relacionamos, enquanto humanidade, com a natureza e com os ambientes naturais, muitos grupos têm buscado realizar uma revisão radical das condutas frente ao ecossistema. Contudo, nem todas as práticas precisam ser revistas, ao contrário. Algumas já se colocam nas redes locais e regionais como instrumentos de

---

<sup>1</sup> O Acampamento que deu origem ao Assentamento Fortaleza teve início em 2002, com a reivindicação de 9 famílias de trabalhadores rurais ao acesso a uma área rural no município de Nova Olinda-TO. Contudo, somente em agosto de 2004, é que a área foi demarcada e reconhecida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como Projeto de Assentamento.

<sup>2</sup> Os Vales dos rios Araguaia e Tocantins compreendem geograficamente a porção norte do estado de Tocantins, o sul do Maranhão e o sul-sudeste do Pará. A mobilidade e fixação de diversos grupos étnicos e sociais por entre esses espaços são delineadas sócio-histórica, cultural e economicamente por esses dois grandes rios, formando territórios e territorialidades intercambiáveis entre as regiões em referência dos três estados citados. (CORMINEIRO-MEDEIROS, 2015)

revitalização de boas práticas nas relações homem/natureza, ao promoverem circuitos socioculturais que trabalham pela manutenção dos modos de vida tradicionais e das práticas de preservação do mundo natural, culminando com a ampliação da qualidade de vida e, em alguns casos, com uma relativa autonomia econômica.

Não podemos, contudo, desconsiderar as dificuldades que as comunidades tradicionais, os trabalhadores e, especialmente, os trabalhadores rurais têm para efetivar projetos que articulam, de um lado, preservação da cultura tradicional e, de outro lado, a manutenção e expansão das práticas de preservação ambiental e de uso consciente dos recursos naturais<sup>3</sup>. Como expõe (SOARES; BARREIRA; CARNEIRO), uma das principais dificuldades seria o fato de que a:

terra no Brasil passou a ser utilizada pelos grandes latifundiários para diferentes fins, principalmente para provimento de mais capital para ser aplicado em outros negócios e acumular riquezas. Nesta perspectiva capitalista a terra passou a ter um “caráter rentista”, logicamente com fins especulativos. (2020, p.02).

A luta pela terra no processo de constituição e reconhecimento do Assentamento Rural Fortaleza representa, sem dúvida, uma forma de resistência a esse caráter rentista do uso terra, o qual vem avançando na Amazônia Legal. Nas palavras do senhor Nucarião de Abreu Valadares, um dos líderes dos assentados, durante a formação inicial do acampamento:

[...] Já tinha, como é que fala, já tinha uns moradores, pra assustar o assentamento, porque eu já tinha vistariado: e[ra] terra da União; em 85 já era propriedade da União Federal. E eles [os minifundiários, denominados por seu Nucarião], correram [quando souberam da existência do acampamento dos trabalhadores rurais] pra dentro da área [sem saber que pertencia à União]: um comprou 30 alqueires, e o outro comprou 10 e o outro comprou 20 do latifundiário. É essa área aqui, entendeu como é que é? E aí os latifundiários? Os minifúndios, [os que compraram 30/10/20 alqueires, respectivamente] como diz, comprou dos latifúndios, comprou. Comprou, mas num pagou, quando descobriu que a terra era da União Federal, então num poderia pagar e o latifundiário perdeu. Mas o latifundiário pegou e vendeu do mesmo jeito [a área do] assentamento [para o INCRA]. [Mas] a

---

<sup>3</sup> Segundo Ramos Júnior, um dos problemas mais graves quando se trata da luta pelas terras, por territórios e modos de vida é a “expansão do Sistema sobre os espaços-territórios, a partir dos quais comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, de extrativistas e de agricultores tradicionais, pescadores artesanais etc. construíram seu modo de existir no mundo” (RAMOS JÚNIOR; SILVA; LUCENA, 2020, p. 263).

área do assentamento que foi constatado pelos técnicos [que] fizeram a vistoria [era], mil, oia assunte! Mil cento e quarenta e sete hectares [1.147 ha]. [Mas] se tornou [...] em trezentos e trinta e seis [336 ha], olha a diferença, a possibilidade do assentamento era pra 46 famílias, se tornou em quantas? 14, teve uma legitimação fraudulenta.<sup>4</sup>

Vejamos, a concentração de terra improdutiva nas mãos dos latifundiários - detentores da área onde hoje está localizado o Assentamento Fortaleza – impossibilitava esses trabalhadores rurais de ocuparem a terra e, desse modo, também dificultava a manutenção de seus modos de vida, os quais estão sustentados nas práticas tradicionais de cultivo e na conservação dos saberes ligados ao manejo dos recursos naturais. Somente a partir de 2004, depois da demarcação e acesso à área, é que o processo de apropriação e uso da terra começa a delinear-se, como narra Dona Raimunda Pereira de Sousa:

Quando eu cheguei aqui [...] eu prantei minhas mandiocas aqui, meu prantio mesmo foi só mandioca, quando eu cheguei aqui comecei a prantar, mandava pedir pra roçar um pedacinho aí, aí roçava e prantava o arroz, como era, prantava em outubro [...] Eu venho pro mato[...] levo o litro e já tiro um [bo]cado de casca de mangabeira e encho o litro, chego aqui, casca de pau-de-brinco, aroeira[...] pra inflamação, isturdia eu andava ruim sentindo[...] eu levei uma queda bem aqui, queda da cadeira e tive foi ruim, e aí encarquei na casca de aroeira, mangabeira<sup>5</sup>

Dona Raimunda divide sua existência entre o *antes* de ter acesso à terra e o *depois* do acesso, assinalando dois marcadores para descrever o *depois* do acesso: de um lado, chegar e começar a plantar, de outro lado coletar, “sair para o mato” em busca de recursos, com os quais pudesse solucionar seus problemas de saúde. São as práticas do *depois* de ocupar a terra que definem os modos de viver de dona Raimunda e dos outros assentados como resistência cultural, pois, conforme (SILVA, 2019), a existência coletiva é um instrumento eficaz para enfrentar as estruturas de poder. A construção de alternativas aos projetos hegemônicos passa pela capacidade de construir e evidenciar outras possibilidades de “ocupação do espaço geográfico brasileiro [o que]

<sup>4</sup> Nucarião de Abreu Valadares, 64 anos, entrevista concedida em 30/05/2019.

<sup>5</sup> Raimunda Pereira de Sousa, 57 anos, entrevista concedida em 16/12/2019.

requer leituras críticas [que] possibilitem dialogar com diferentes formas de uso da terra, [as quais] se basea[iam] em novas territorialidades [...]”(SILVA, 2019, p.40)

Entretanto, embora reconheçamos a importância do cultivo de alimentos e, conseqüentemente, da segurança alimentar no processo de fortalecimento dos modos de viver dessa comunidade rural, como destacado por dona Raimunda, nesse artigo concentraremos nossa análise na discussão das estratégias de cultivo das plantas medicinais nos quintais dos moradores do assentamento e da coleta de raízes, folhas, flores, frutos, seivas, e cascas das plantas existentes no biosistema do Cerrado que entremeiam a referida área; estratégias essas que são mobilizadas como solução de saúde e manutenção de saberes, constituindo-se, assim, um importante repertório terapêutico do Comum<sup>6</sup>.

Esse ecossistema de saberes e práticas partilhadas é concebido nesse texto como práticas do Comum, ou seja, como um repertório partilhado pela comunidade do Assentamento Fortaleza. Assim, considerando a busca por uma interação equilibrada entre homem e natureza, concebida aqui como demanda de fortalecimento cultural, compreendemos esses assentados a partir de suas práticas de compartilhamento Comum, pois conforme esclarecem Michael Hardt e Antonio Negri:

Esse conceito do Comum não coloca a humanidade separada da natureza, seja como sua exploradora ou sua guardiã; centra-se, antes, nas práticas de interação, cuidado e coabitação num mundo comum, promovendo as formas benéficas do Comum e limitando as prejudiciais (HARDT; NEGRI, 2016, p. 8).

A partir da concepção de Hardt e Negri, compreendemos o Comum partilhado no Assentamento Fortaleza como constituinte de uma arquitetura social baseada na coleta e cultivo de

---

6 Michael Hardt e Antonio Negri utilizam o termo *Comum* no singular, pois, segundo eles, usá-lo no plural remeteria “a espaços de partilha pré-capitalista que foram destruídos pelo advento da propriedade privada.” (2005, p.14) Para os dois estudiosos o *Comum* não representa uma volta ao passado, mas a possibilidade de um novo desenvolvimento. Assim, nesse artigo, todas as vezes que usarmos o termo Comum como resultante das especificidades das múltiplas atividades constituídas a partir da consistência intersubjetiva dos agentes sociais, grafaremos o referido termo no singular e com letra maiúscula.

plantas medicinais. Por outras palavras, no espaço social desse assentamento, essas práticas do Comum visam promover, de um lado, a melhoria da qualidade de vida e, de outro, agenciar o acesso democrático aos saberes tradicionais acerca das plantas medicinais. Para auxiliar na interpretação dos sentidos dessas práticas e estratégias comum recorreremos, nesse artigo, à Etnobotânica, pois por definição essa disciplina se “ocupa da ‘inter-relação direta entre pessoas e plantas’, incluindo todas as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais”. (ALBUQUERQUE apud ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006, p. 679).

A Etnobotânica é um campo de estudos que busca sistematizar a inter-relação que variadas culturas e grupos étnicos mantêm permanentemente com os recursos e com os biosistemas vegetais. Portanto, quando se trata do estudo da relação das pessoas com as plantas medicinais, essa disciplina aufere destaque por potencializar a visibilidade das dimensões da identificação das espécies e das práticas terapêuticas desenvolvidas nas comunidades.

Associado ao instrumental advindo da Etnobotânica, mobilizamos a História Oral, uma metodologia qualitativa, por meio dos procedimentos de história de vida, por compreendermos, referenciados em Paulo Roberto de Almeida e Lara Aun Koury em entrevista com Alessandro Portelli (2014, p. 205), que “o relato oral sempre [é] uma questão de busca de sentido”, visto que ele permite o diálogo com fontes que estão “vivas”, por se tratar de pessoas, de vidas e de experiências vivenciadas. Atualmente, das quatorze (14) famílias que tiveram acesso à área no Assentamento Fortaleza, apenas doze<sup>7</sup> (12) estão vivendo no local. Dentre essas doze (12) famílias, gravamos entrevistas com seis (06) de seus representantes, durante o segundo semestre de 2019), um percentual de 50 %. Dos seis (06) entrevistados para a construção desse texto, quatro (04) são mulheres e dois (02) são homens, a saber: senhor João Francelino de Moura, 57 anos; dona Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos; dona Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos; senhor Nucarião

---

7 No que concerne aos dois lotes desocupados: 1) a proprietária faleceu e os filhos venderam a área para a senhora Naiane Ribeiro Dias, que não reside no Assentamento; 2) O proprietário, senhor Francisco Rodriguez dos Santos., não reside no assentamento.

de Abreu Valadares, 64 anos; Raimunda Pereira de Sousa, 57 anos; e Valmira de Sousa França, 57 anos.

Assim, partindo da escuta das pessoas que detêm os conhecimentos acerca dos modos e práticas de coletar e cultivar as plantas medicinais no Assentamento Fortaleza, como proposto pela Etnobotânica, conduzimos a análise a partir de dois pressupostos centrais: primeiro, a compreensão que se trata de um trabalho pautado na interdisciplinaridade, pois como explica Olga Pombo, o “progresso do conhecimento não se dá apenas pela especialização crescente, como estávamos habituados a pensar. A ciência começa a aparecer como um processo que exige também um olhar transversal. Há que olhar para o lado para ver outras coisas” (2006, p. 10)

Evidenciado por Pombo, esse “olhar para o lado” propõe ampliar o diálogo para outras disciplinas, como propomos ao nos aliarmos à Etnobotânica, mas não somente isso, é um convite a olhar mais ao longe: olhar e escutar outros saberes, outros modos de conhecer, outras epistemologias e, dessa forma, encontrarmos a transdisciplinaridade. Uma prática ainda de difícil definição e circunscrição, a transdisciplinaridade pressupõe o reconhecimento de que o conhecimento deve ser pautado nas diferenças e não nas desigualdades.

Dessa forma, estabelecer-se-ia um outro paradigma, o qual buscaria romper as hierarquias entre os conhecimentos. Na abordagem transdisciplinar, ao contrário da relação sujeito-objeto, constrói-se a relação sujeito-sujeito, na qual pesquisadores (de múltiplas e diferentes áreas e campos) estabelecem uma relação de igualdade e de “interdependência entre todos os aspectos do saber e da realidade, sendo a síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade bem-sucedida e de uma axiomática comum”, como esclareceu Aloísio Krohling (2007, p. 202). Partindo da concepção de Krohling, na base da transdisciplinaridade estaria o desfazer-se de todas as hierarquias entre o conhecimento científico e o conhecimento empírico, embora permaneçam as diferenças.

Assim, estabelecer uma prática transdisciplinar no contexto do trabalho com o conhecimento construído pelos moradores do Assentamento Fortaleza, pressupõe reconhecermos

que são essas pessoas, em suas práticas do Comum, os detentores dos saberes e fazeres acerca das plantas medicinais. Por outras palavras, é necessário reconhecer que o trabalho de sistematização e interpretação realizado por pesquisadores acerca das plantas medicinais deve ser construído a partir de bases mais democráticas e, dessa forma, primar por caminhos de partilha mais inclusivos.

### **“EU VENHO PRO MATO”: LEVANTAMENTO DE ESPÉCIES MEDICINAIS COLETADAS NA ÁREA DE CERRADO DO ASSENTAMENTO FORTALEZA.**

O uso das plantas medicinais nas terapêuticas dos grupos sociais e comunidades é uma tradição que abrange todo o Brasil. Historicamente, desde o Brasil Colônia há relatos dos primeiros cronistas informando sobre os usos das plantas e ervas medicinais como tratamento de doenças. O padre Jesuíta José de Anchieta, por exemplo, escreveu uma carta em 1560 na qual descreve diversas plantas, enfatizando, sobretudo, o uso do óleo de copaíba. Gabriel Soares de Sousa (1978), cronista português, escreveu em seu *Tratado Descritivo do Brasil* uma extensa relação sobre plantas medicinais e sobre a medicina indígena entre os Tupinambás.

Considerando essa longa trajetória histórica do uso das plantas medicinais, (FOGLIO; QUEIROGA; SOUSA; RODRIGUES, 2006) definem planta medicinal como toda aquela administrada sob qualquer forma e por alguma via ao homem, exercendo algum tipo de ação farmacológica<sup>8</sup>. A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que planta medicinal é "todo e qualquer vegetal que possui, em um ou mais órgãos, substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semissintéticos" (OMS apud VEIGA JR et al, 2005, p. 519). Ou seja, as plantas medicinais têm função: tanto no atendimento terapêutico de toda ordem e em todos os espaços, desde o urbano até o rural; quanto no fornecimento de matéria-prima para a indústria farmacêutica, essa de difícil acesso para os trabalhadores rurais.

---

<sup>8</sup> Segundo (FOGLIO, QUEIROGA; SOUSA, RODRIGUES, 2006), a classificação das plantas medicinais é composta de três categorias conforme sua ordem de importância: a) primeiro, aquelas empregadas diretamente na terapia, através de suas partes, como raízes, flores, folhas e cascas, em seguida aquelas que são matéria-prima para manipulação e, por último, aquelas utilizadas na produção industrial para obtenção de princípios ativos.

Entretanto, em consonância com a arquitetura dos modos de viver e dos padrões de sociabilidade dos trabalhadores rurais, é necessário ampliar a definição de plantas medicinais, acrescentando a percepção de que seu uso está diretamente vinculado ao conhecimento produzido, preservado e difundido pela tradição de uma população, grupo ou comunidade acerca das estratégias de cura<sup>9</sup> de múltiplas doenças, “sendo necessário o conhecimento sobre suas características e sua forma de colheita e preparação” (SANTOS; TRINDADE, 2017, p.2).

Na Amazônia Legal há aproximadamente 650 espécies vegetais de valor econômico para uso farmacológico; destacando-se, pelos altos índices de propriedades medicinais, a Copaíba (*Copaifera spp*) e a Andiroba (*Carapa guianensis*), ambas encontradas nos Vales dos rios Araguaia e Tocantins. No que concerne à prática da coleta de espécies vegetais no Assentamento Fortaleza, uma fala recorrente é o “ir no mato”. Dona Raimunda afirma: “Eu venho pro mato [porque] eu bebo mais é remédio do mato”<sup>10</sup>; na mesma direção, dona Maria de Lourdes relata: “tem muito remédio bom no mato”<sup>11</sup>. O mato é o espaço onde buscam o remédio e ao mesmo tempo é o lugar de uma experiência, cuja percepção primária é a da cura.

O bioma onde os moradores do Assentamento Fortaleza realizam suas coletas é o Cerrado. Nele há uma das maiores biodiversidades do mundo. Possuindo aproximadamente sete mil espécies, ele constitui uma paisagem de significativo valor e diversidade biológica e compõe uma importante estratégia biocultural das populações que nele habitam. Dona Raimunda e dona Maria de Lourdes apontam em seus relatos o imbricamento da relação homem/natureza, pontuando como a construção de suas paisagens está relacionada com as percepções que possuem,

---

<sup>9</sup> Entretanto, mesmo sendo historicamente constituinte da cultura de cura dos diversos grupos étnicos do Brasil, com destaque para povos indígenas e afrodescendentes, as plantas medicinais só passaram a fazer parte do Sistema de Único de Saúde (SUS), via Ministério da Saúde (MS), em 2006, quando foi criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF).

<sup>10</sup> Raimunda Pereira de Sousa, 57 anos, entrevista concedida em 16/12/2019

<sup>11</sup> Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos, entrevista concedida em 25/08/2019

de um lado, do seu biosistema e, de outro lado, da tradição intergeracional na qual estão inseridas. No relato de dona Nelma Maria, moradora do assentamento, essa percepção é evidenciada:

O pódoio, que é o azeite tem uma data certa, a data dele eu num lembro, sei se é agora, só sei que tem um problema da lua, é depois do quarto crescente da lua, aí a gente tem que saber uma galha dele seca, sempre minha mãe falava, tiver uma galha seca dele, depois da lua ser crescente você corta uma galha assim, você corta assim uma talha lá pra segurar, aí você bota vasilha vai pingar o óleo lá, tem vez que cê corta e dá muito, tem vez que num dá, dá uma colher, da meia<sup>12</sup>.

Dona Nelma Maria remete seu conhecimento aos aprendizados recebidos de sua mãe acerca das fases da lua ideias para realizar a coleta do óleo de pódoio, cuja árvore é denominada de Copaíba ou *Copaifera ssp*. Dando ênfase aos saberes partilhados intergeracionalmente: a escolha da fase adequada da lua torna-se importante porque segundo a tradição, em determinada lua, quarto minguante por exemplo, a quantidade de óleo dá apenas “uma colher, dá meia [colher]”.

Esse aprendizado, recolhido da tradição, articula-se com o conhecimento do biosistema, obtido por meio da observação do meio natural, dona Nelma Maria, por exemplo, relata haver uma data certa que, embora não se recorde no momento da entrevista, está relacionada às estações, ao período adequado do ano no qual “a galha seca [...] que cê corta [...] dá muito”<sup>13</sup>, ou seja, período no qual a árvore de Copaíba produz uma quantidade desejável de óleo.

No quadro (1), a seguir, apresentamos um levantamento das espécies coletadas no Cerrado pelos moradores do Assentamento Rural Fortaleza. Essas espécies vegetais foram organizadas em ordem alfabética e descritas conforme as indicações Comum partilhadas e, paralelamente, conforme algumas indicações etnofarmacológicas e/ou bioquímicas<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019.

<sup>13</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019

<sup>14</sup>Conforme (ALBUQUERQUE, HANAZAKI, 2006) a Etnofarmacologia trata das formas de preparo tradicionais usados nos sistemas de saúde, podem incluir plantas, animais, etc. Além disso, essa disciplina tem como ocupação verificar a eficácia das técnicas tradicionais, mobilizando para isso um grande número de modelos farmacológicos e químicos.

Quad. 1: Levantamento etnobotânico das espécies vegetais medicinais coletadas na área de Cerrado do Assentamento Rural Fortaleza

Nome atribuído pelos moradores do Assentamento/ Nome Científico <sup>15</sup>	Indicações partilhadas do Comum	Algumas indicações etnofarmacológicas/ bioquímicas <sup>16, 17</sup>
<b>Angico / <i>Myracrodruon urundeuva</i></b>	Dor de barriga; catarro; limpeza de feridas.	Cicatrizante (PESSOA et al apud BUENO et al 2019); Antimicrobiana (NUNES, 2012)
<b>Aroeira / <i>Schinus terebenthifolius Raddi</i></b>	Inflamações acometidas em mulheres; gripes	Antibacteriana e citotóxica (ARAÚJO et al, apud BUENO et al, 2019); Antifúngica (OLIVEIRA et al, apud BUENO et al, 2019); anti-inflamatória (CARLINI et al, apud BUENO et al, 2019)
<b>Cajuí / <i>Anacardium microcarpum</i></b>	Anti-inflamatório; sangramento menstrual.	Antisséptico; cicatrizante; antioxidante. (PELÚZIO; BATISTA; GONÇALVES; BRESSAN, 2018)
<b>Caninana / <i>Chiococca alba (L.) Hitch (Rubiaceae)</i></b>	Dor no corpo; Infamações acometidas em mulheres	Propriedade laxativa; Propriedade antirreumática (DZIB-REYES apud BUENO et al, 2019)
<b>Gervão / <i>Stachytarpheta cayennensis</i></b>	Dor de barriga; diarreia	Ação antibacteriana (DALMAGRO; GASPARETTO, 2020)
<b>Inharé/ <i>Brosimum gaudichaudii</i></b>	Para afinar o sangue; doenças de pele;	Coadjuvante no tratamento do Vitiligo. (JACOMASSI, MOSCHETA; MACHADO, 2007).
<b>Ipê / <i>Tabebuia avellanedae</i></b>	Ferimentos; machucados; doenças de pele.	Terapia complementar para o câncer. (JANUÁRIO; LOPES, 2014); (SALES; BATISTA; ROCHA; NOGUEIRA, 2014); Antibacteriano (BUENO et al, 2019)
<b>Jatobá / <i>Hymenaea Stigonocarpa Mart.</i></b>	Inflamações gerais e femininas.	Ação anti-inflamatórias e antibacterianas (MARINHO et al, 2011)
<b>Mangabeira / <i>Hancomia speciosa</i></b>	Infecções e inflamações em geral	Ação anti-inflamatórias e antibacterianas (MARINHO et al, 2011)
<b>Pau-de-brinco/ <i>Connarus suberosus Planch</i></b>	Inflamações em geral e aquelas acometidas em mulheres;	As pesquisadoras não encontraram estudos que tratassem dessa espécie na perspectiva farmacológica.
<b>Pau de leite / <i>Himatanthus drasticus</i></b>	Anti-inflamatório	Ação Antibacteriana (NASCIMENTO et al, 2018)
<b>Pódoio / <i>Copaíba/ Copaifera spp</i></b>	Infecção Urinária; infecções em geral	Ação contra infecção Urinária; diurético; anti-inflamatória; Cistite. (PIERI; MUSSI; MOREIRA, 2009)
<b>Sabugueiro/ <i>Sambucus nigra</i></b>	Combate febres e auxilia na cura do sarampo; catapora e dengue;	Anti-inflamatório (SOARES; BARREIRA; CARNEIRO, 2020)
<b>Sangra d'água / <i>Croton Urucurana Baillon</i></b>	Anti-inflamatória	Antibacteriana; Anticancerígeno (CÂNDIDO-BACANI et al apud BUENO et al, 2019)
<b>Vassourinha/ <i>Scoparia dulcis L.</i></b>	Anti-inflamatória	Ação Hipoglicêmica e antioxidante; Ação Hepatoprotetora (MISHRA; PRAVEEN apud BUENO et al, 2019)

Fonte: quadro produzido pelas autoras do artigo (2020).

<sup>15</sup>Os nomes científicos foram extraídos das literaturas botânica, farmacológica e bioquímica consultadas e referenciadas na bibliografia.

<sup>16</sup> As referidas indicações foram pesquisadas em variados artigos científicos, referindo-se a estudos tanto em fases avançadas; quanto aos que necessitam de aprofundamento analítico no que concerne ao uso farmacológico.

<sup>17</sup> Dentre os estudos farmacológicos/bioquímicos citados, alguns foram testados *in vitro* e outros *in vivo*.

Do total de trinta e três (33) espécies vegetais citadas pelos moradores entrevistados, 15 (quinze) espécies são elencadas como parte do acervo de plantas do cerrado que tem valor medicinal e algumas dentre essas últimas foram repetidamente lembradas. Presente nos relatos de quatro (04) dos seis (06) entrevistados, a Mangabeira / *Hancomia speciosa* foi a espécie mais citada, apresentando como indicação principal o uso para infecções e inflamações em geral. Dona Maria de Lourdes relata: “a mangabeira também é boa pra infecção [...] ela aperta [...]”<sup>18</sup>; assim como dona Nelma Maria esclarece, “[...] garrafada eu sei muita [...]:, mangabeira [...] isso aí é remédio, assim você beber pra infecção, assim a parte de mulher”<sup>19</sup>.

Do mesmo modo, o senhor João Francelino de Moura destaca “[...] tem pra curar machucado, aquela, casca da mangabeira [...] folha da mangabeira, é bom demais a casca”<sup>20</sup>; da mesma forma dona Raimunda descreve: “levo o litro e já tiro um cado de casca de mangabeira e encho o litro, chego aqui [...] pra inflamação [...]”<sup>21</sup>. Ou seja, essa espécie possui largo e geral uso no tratamento de inflamações e infecções que acometem os moradores desse assentamento, delineando, a partir do número de referências, a eficácia testada e aprovada pela comunidade.

A segunda espécie mais citada foi o Inharé/ *Brosimum gaudichaudii*, surgindo nos relatos de três (03) dos seis (06) entrevistados, os quais enfatizam o uso da casca como tratamento para “afinar o sangue” e para problemas de pele em geral. Dona Raimunda expõe um dos seus usos: “[...] assim aquela importância da pessoa tiver corubenta véia, a Inharé é boa demais]”. Empatado com o Inharé em número de referências, surge o Jatobá / *Hymenaea Stigonocarpa Mart*, espécie que serve para tratar “algum ferimento por dentro [...] sara tudo”, nas palavras de dona Raimunda<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos, entrevista concedida em 25/08/2019

<sup>19</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019

<sup>20</sup> João Francelino de Moura, 57 anos, entrevista concedida em 22/08/2019.

<sup>21</sup> Raimunda Pereira de Sousa, 57 anos, entrevista concedida em 16/12/2019

<sup>22</sup> Raimunda Pereira de Sousa, 57 anos, entrevista concedida em 16/12/2019

As outras doze (12) espécies, aparecem entre duas (02) e uma (01) vez nos relatos gravados, mas em conversas informais, não gravadas, são referidas pelos moradores inúmeras vezes, evidenciando que, no conjunto dos conhecimentos partilhados, são saberes de domínio de toda a comunidade e possuem uma consistência intersubjetiva Comum não organizada.

Quanto às partes e /ou órgãos utilizados no preparo dos remédios, os mais citados são as cascas, referidas em relação a onze (11) das espécies elencadas. O uso da casca, deixada em infusão por um período variável, surge nos relatos com a força da representatividade dos fazeres de cura construídos pelo grupo. Dona Nelma esclarece:

Tudim você tira a casca, você bota de molho no tambor desse aí, e escoo ela, aí você bota no sereno três dias, três dia você colhe ele, e bota pra beber, porque ela vai curtir lá no sol, ela vai curtir lá e ferver, ele não é pra você botar açúcar, ele vai pegar o que? Vai pegar o sereno da noite e o sol do dia, ela freve, aí ela vai cozinhar, vai curtir né, aí depois de três dia que ela tiver lá, você tira e bebe, bebe e banha!<sup>23</sup>

Todos os estágios do processo de produzir uma garrafada feita com Angico / *Myracrodruon urundeuva* é descrito por dona Nelma, evidenciando não apenas o que deve ser feito, mas por quanto tempo deve ser feito: “três dias no sereno”, durante o dia o sol “cozinhará” as cascas e à noite o sereno vai faze-las curtir. Depois de três dias, estará pronta para o uso: interno, quando tomada via oral como terapêutica antimicrobiana; e externo, quando usada em banhos que servem para tratar ferimentos por possuir uma propriedade cicatrizante.

Sobre o preparo dos remédios, os quais são denominados pelos próprios moradores de beberagens e/ou garrafadas<sup>24</sup>, o conhecimento prático evidenciado nos fazeres dessas pessoas se comunicam com seus saberes no sentido daquilo que Albuquerque (2012, p. 24) define como uma “forma singular de inteligibilidade do real fincada na cultura e, com a qual [...] reinventam o cotidiano, criam estratégias de sobrevivência [...]” que são consubstanciadas nos processos

<sup>23</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019

<sup>24</sup> A garrafada é um preparado com espécies vegetais e seus órgãos, tais com raízes, flores, folhas, cascas, óleos, etc. As formas de preparo são definidas conforme os fins terapêuticos a que se destinam, podendo envolver cocção, extração do sumo; maceração e diluição, dentre outras.

realizados e transmitidos por uma oralidade. Explicando o processo de preparo da garrafada feita com a espécie Caninana / *Chiococca alba* (L.) Hitch (*Rubiaceae*), dona Maria de Lourdes relata que a parte ou órgão que “se bebe [é ] a raiz, bota no vinho branco para tomar, assim para nós mulheres é bom demais”.<sup>25</sup>

Outro modo de preparo registrado é o da espécie Pau de leite / *Himatanthus drasticus*, segundo dona Raimunda é necessário ra[s]par a casca com colher assim [fazendo o gesto da raspagem], e bota na água para beber<sup>26</sup>. Os fazeres dos remédios variam bastante conforme os usos e necessidades, alguns são macerados, outros raspados e ainda outros são bebidos puros, caso da Copaíba que, conforme dona Nelma, seu pai “pingava três pingo [do óleo] no café”, produzindo um efeito diurético efetivo. Os veículos de diluição também podem variar: no caso da Caninana, referida acima, o veículo é hidroalcolico; no caso do Pau de leite ele é diluído em água potável.

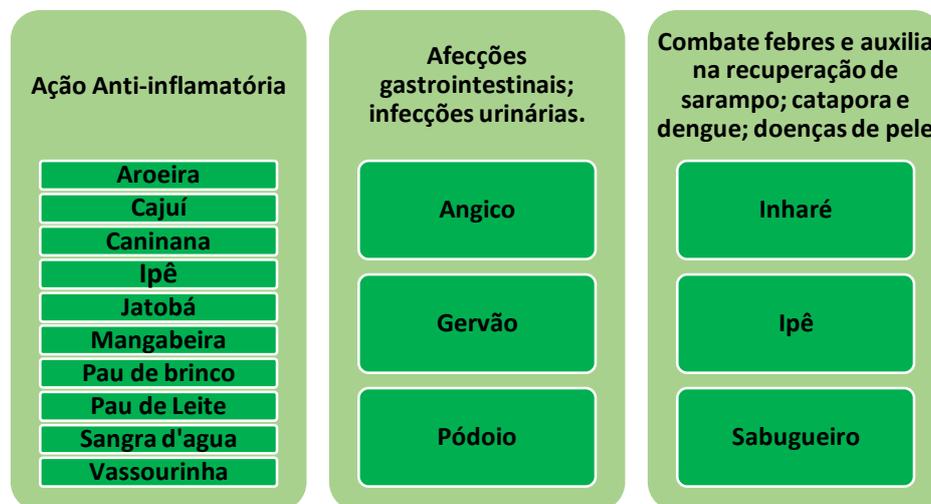
Acerca das doenças tratadas com os remédios cujo substratos são coletados no Cerrado, a maioria é incluída pelos entrevistados dentro do espectro geral de anti-inflamatórios. Conforme o quadro a seguir:

---

<sup>25</sup> Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos, entrevista concedida em 25/08/2019

<sup>26</sup> Raimunda Pereira de Sousa, 57 anos, entrevista concedida em 16/12/2019.

Quad. 2. Lista de algumas espécies coletadas no Cerrado, agrupadas por ações terapêuticas



Fonte: quadro produzido pelas autoras do artigo (2020).

Das quinze (15) espécies descritas pelos moradores, 66,66%, doze (12) espécies, são listadas como anti-inflamatórios, prevalecendo as indicadas para o tratamento dos órgãos reprodutivos femininos, pois como esclarece dona Maria de Lourdes, “assim para nós mulher, é bom demais.”<sup>27</sup>. Outras doenças tratadas são as infecções urinárias, as afecções gastrointestinais, especialmente as dores abdominais e as diarreias, e as doenças virais, tais como sarampo e catapora.

As doenças listadas, em geral, são aquelas que os moradores mais enfrentam cotidianamente, o que remete a duas questões: o conhecimento das plantas foi se constituindo conforme as necessidades de cura foram se apresentando e a reprodução desse conhecimento está centrada na ideia de que os saberes são relações construídas histórica e coletivamente. (CHARLOT, 2000).

<sup>27</sup> Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos, entrevista concedida em 25/08/2019

No conjunto, o conhecimento sobre as espécies encontradas nas áreas de Cerrado do Assentamento Rural Fortaleza e sobre os fazeres dos remédios constituem uma cultura centrada em práticas e estratégias de cura capazes de fornecer a esses moradores uma possibilidade terapêutica diferente daquela promovida pela medicina alopática. Dona Nelma Maria relata que sua mãe “num comprava nada, ela pegava tudo.”<sup>28</sup>. A palavra “pegar” aqui pode ter um significado maior do que aparenta, pois remete ao ato de ir “ao mato” e extrair da natureza o que precisava para os cuidados de saúde, não precisando nada comprar. No sentido aplicado por dona Maria Nelma o “pegar” vai além do alcançar com a mão, ele se vincula à ideia de promover estratégias e soluções eficazes de saúde sem “pricisá ir na farmácia, com ela mesma assegura.

### **“TUDO É REMÉDIO BOM”: LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES MEDICINAIS CULTIVADAS NOS QUINTAIS DO ASSENTAMENTO RURAL FORTALEZA**

As estratégias de saúde relacionadas às plantas medicinais não se restringem à coleta das espécies disponíveis no Cerrado. A prática do cultivo de plantas e ervas medicinais nos quintais também é exercida pelos moradores dos Assentamento Fortaleza, especialmente pelas mulheres.

Seguindo os mesmos procedimentos descritos na construção do quadro (1), no quadro (3), a seguir, apresentamos um levantamento das espécies cultivadas nos quintais de seis (06) dos moradores do Assentamento Rural Fortaleza. Entretanto, diferentemente das espécies coletadas, as plantas e ervas medicinais cultivadas estão sempre à disposição dos moradores em seus respectivos quintais, constituindo tanto uma farmácia natural, quanto uma reserva de matéria prima para o preparo de remédios que exigem processos mais elaborados. O quintal, nesse sentido, compreende uma esfera do cotidiano dos moradores da zona rural, especialmente das mulheres, de grande valor sociocultural, formando um biosistema autocentrado, comumente, nas necessidades do núcleo familiar e nas relações de reciprocidade construídas no assentamento.

---

<sup>28</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019

Quadro 3- Levantamento etnobotânico das espécies vegetais cultivadas nos quintais do Assentamento Rural Fortaleza

Nome atribuído pelos moradores do Assentamento/ Nome Científico <sup>29</sup>	Indicações referidas do Comum partilhado	Algumas indicações farmacológicas/bioquímicas <sup>30 31</sup> .
<b>Algodão / <i>Gossypium hirsutum</i> L.</b>	Contra a gripe; Inflamações em mulheres.	Ação antibacteriana (MIRANDA; MACHADO; COELHO, 2013)
<b>Açafrão / <i>Curcuma longa</i></b>	Anti-inflamatório	Ação anticancerígena; (MARMITT; REMPEL; GOETTERT; SILVA, 2016)
<b>Alecrim / <i>Salvia rosmarinus</i></b>	Contra febres, gripes	Calmante; Carminativas (reduz a flatulência) Digestivo (BADKE; BUDÓ; SILVA; RESSEL, 2011).
<b>Arruda / <i>Ruta graveolens</i>.</b>	Combate febres e gripes.	Tratamento de varizes. (SOUZA et al, 2007)
<b>Babosa / <i>Aloe Vera</i></b>	Cicatrizante; anti-inflamatório	Antimicrobiano; cicatrizante; anti-inflamatório (CARVALHO et al, 2019)
<b>Batata de purga/ <i>Operculina macrocarpa</i> L. Urban</b>	Contra Gripe; laxante; limpa o sangue.	Ação laxativa. (PAGANOTTE; SALGADO 2004)
<b>Beladona / <i>Atropa Belladonna</i></b>	Contra dores; anti-inflamatória e antibacteriana	Analgésica; antiespasmódica (PALHARES, 2019)
<b>Capim santo-Capim cidreira/ <i>Cymbopogon citratus</i></b>	Contra febres e gripes	Calmante; Antiespasmódica; Analgésica. (BADKE; BUDÓ; SILVA; RESSEL, 2011)
<b>Erva cidreira brasileira / <i>Lippia alba/ melissa officinalis</i></b>	Contra febres e gripes.	Dores de cabeça; problemas digestivos e cólicas intestinais; antibacteriana e antiviral. (SANTOS; OLIVEIRA a; OLIVEIRA b, 2018)
<b>Gergelim / <i>Sesamum indicum</i></b>	Contra gripes e infecções de garganta.	Propriedades antioxidantes; alto teor nutritivo. (SOUZA; NAKAMURA; CORREA, 2012).
<b>Hortelã / <i>Mentha spicata</i></b>	Contra gripes e febres	Antisséptico; Vermífugo. (DUARTE, 2006)
<b>Laranjeira / <i>Citrus aurantium</i> L.</b>	Contra gripes	Calmante; Febrífugo; Problemas digestivos; (BADKE; BUDÓ; SILVA; RESSEL, 2011)
<b>Losna / <i>Artemisia absinthium</i></b>	Contra problemas intestinais e estomacais	Antimicrobiana; antioxidante. (FERRAZ, CHAGAS; DORIGON, 2020)
<b>Mangueira comum (casca do tronco) / <i>Mangifera indica</i></b>	Contra sangramento menstrual; anti-inflamatória.	Potencial antibacteriano (GARCIA; ORLANDA, 2014)
<b>Poejo/ <i>Mentha pulegium</i></b>	Contra gripes e febres;	Ação Antibacteriana em doenças Respiratórias (OLIVEIRA et al 2020)
<b>Pitoco (Quitoco) / <i>Pulchea sagittalis</i></b>	Combate problemas estomacais.	Ação antifúngica (STEIN et al, 2005)
<b>Trevo / <i>Trifolium pratense</i></b>	Combate “nervoso” e coração acelerado.	Reposição Hormonal (Climatério). (CARVALHO; COSTA, 2011)
<b>Vick / <i>Mentha arvensis</i></b>	Combate febres, gripes e resfriados.	Antisséptico; antiviral; antifúngico. (CHAGAS; PINTO; BERTOLUCCI; SANTOS, 2011)

Fonte: quadro produzido pelas autoras do artigo (2020).

<sup>29</sup>Os nomes científicos foram extraídos das literaturas botânica, farmacológica e bioquímica consultadas e referenciadas na bibliografia.

<sup>30</sup> Destacamos que algumas destas indicações farmacológicas se referem à potencialidade das espécies vegetais e não necessariamente de estudos consolidados.

<sup>31</sup> Dentre os estudos farmacológicos citados alguns foram realizados *in vitro* e outros *in vivo*.

Do total de trinta e três (33) espécies vegetais citadas pelos moradores entrevistados, dezoito (18) espécies são cultivadas nos quintais, destas apenas a Mangueira, a Laranjeira e o Algodoeiro são arbóreos. Citada por três (03) pessoas, o Poejo/ *Mentha pulegium* foi a espécie mais referida, sendo que a principal característica terapêutica que lhe atribuído é o tratamento de gripes e febres. Dona Maria de Lourdes relata os benefícios dessa erva: “aqui é o poejo [...] é bom para febre; criança que está com febre, cê faz o chá”<sup>32</sup>; dona Nelma Maria<sup>33</sup> reforça: “minino com febre, dá o chá, poejo é bom demais pra gripe”. No mesmo sentido, o relato de dona Valmira de Sousa<sup>34</sup> delinea a importância dos quintais medicinais para as pessoas que vivem no Assentamento Fortaleza:

O poejo também, naquele tempo, quando nois era pequeno, a minha mãe conzinhava panelada de poejo pra cortar febre, porque naquele tempo quase não tinha remédio pra cortar febre, quando tinha, tinha que ir longe comprar, buscar, hora que menino dava uma febre, aí fazia esse chá bem forte, imbruiava na coberta[...] até suar o último suorzinho que saia, também no outro dia não tinha nada, sarava, com poejo, tenho muita fé no poejo<sup>35</sup>.

O quintal da mãe de dona Valmira surge em seu relato como o lugar no qual as necessidades terapêuticas básicas de quem vive na zona rural são supridas. As ervas medicinais seriam as soluções de saúde contra as doenças mais corriqueiras, tais como as febres e gripes, mas não somente isso: são concebidas como estratégias valiosas por permitirem que o tratamento das enfermidades mais simples seja realizado sem a necessidade de um deslocamento para a cidade em busca de farmácias ou atendimento clínico. Sobre essa dimensão da segurança terapêutica, enfatizamos que 73,33% das plantas cultivadas nos quintais, dos moradores entrevistados, são usadas como antigripais e no combate às febres.

---

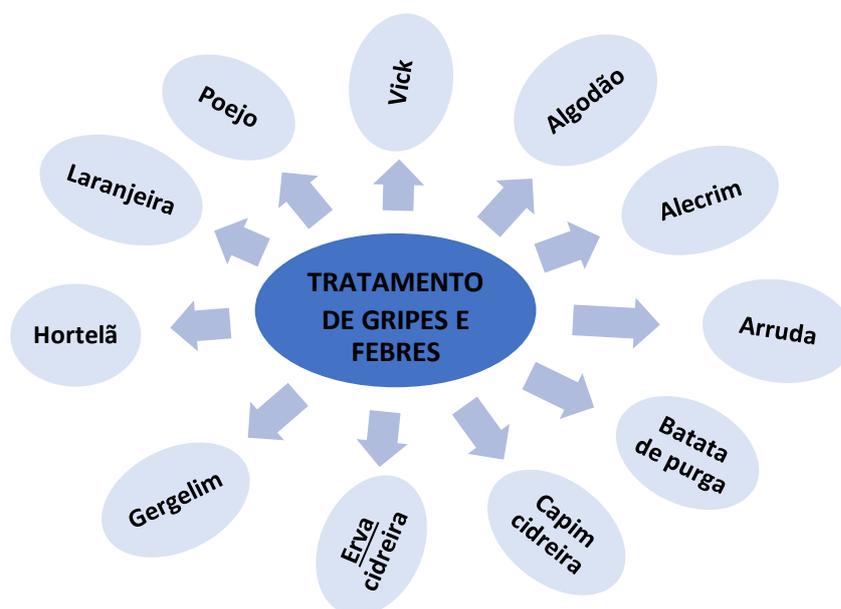
<sup>32</sup> Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos, entrevista concedida em 25/08/2019

<sup>33</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019

<sup>34</sup> Valmira de Sousa França, 57 anos, entrevista concedida em 09/11/2019

<sup>35</sup> Valmira de Sousa França, 57 anos, entrevista concedida em 09/11/2019

Fig. 1. Demonstrando a centralidade do tratamento contra gripes e febres como critério para a escolha das espécies medicinais cultivadas nos quintais do Assentamento Fortaleza.

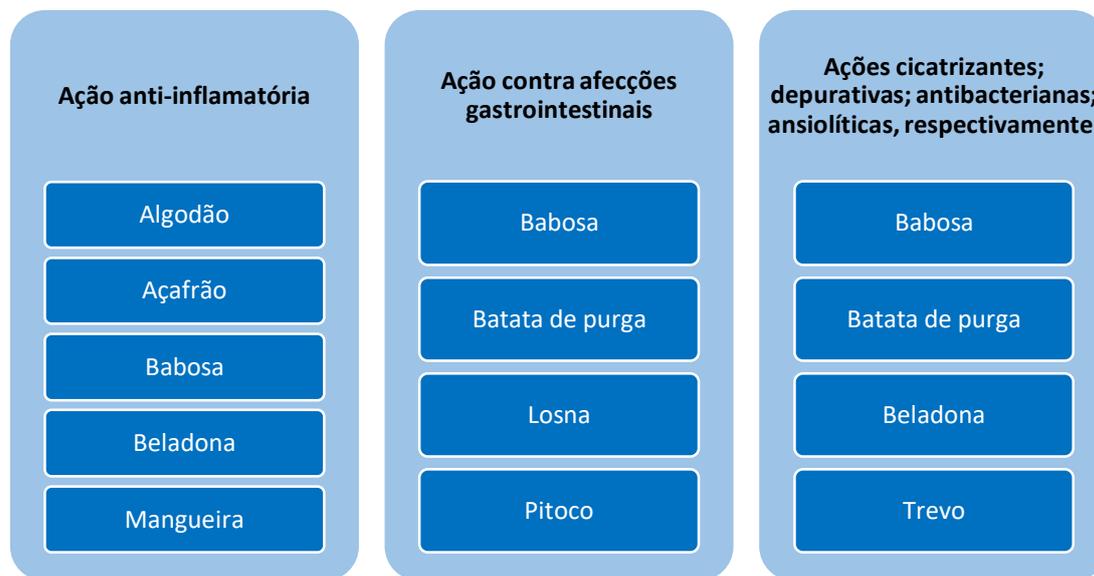


Fonte: quadro produzido pelas autoras do artigo (2020).

Cotejando os dados, constatamos que, das dezoito (18) plantas cultivadas nos quintais, onze (11) fazem parte da terapêutica contra gripes e febres, o que nos leva à verificação de outro aspecto: há uma relação intrínseca entre o esforço para manter essa segurança terapêutica no que concerne ao tratamento de gripes e febres e os interesses na manutenção da saúde das crianças do grupo. Dona Valmira, dona Nelma Maria e dona Maria de Lourdes são claras: o poejo, a erva cidreira, o alecrim e demais ervas são cultivadas basicamente para combater as febres e gripes infantis, desde quando eram “pequenos”, até os dias de hoje quando oferecem em forma de chá para as “crianças”, para os “meninos”. Trata-se, nesse aspecto, de uma condição fundamental quando se trata do quintal medicinal: uma parte considerável das ervas e das plantas cultivadas no assentamento compõe uma estratégia não organizada, mas reconhecida como Comum, de proteção à saúde infantil.

Contudo, nem todas as espécies visam tratar apenas gripes e febres. Diversas plantas possuem mais de uma utilidade, como pode ser observado no quadro (4) a seguir:

Quad. 4. Lista de algumas espécies cultivadas nos quintais, agrupadas por ações terapêuticas



Fonte: quadro produzido pelas autoras do artigo (2020).

As plantas listadas nesse quadro são usadas amplamente pelos moradores do assentamento. Na forma de infusões frias ou quentes, sumos oriundos da maceração de folhas e raízes ou mesmo por meio do consumo dos frutos, caso da batata de purga e do açafrão, “tudo é remédio bom” como esclarece o senhor João Francelino de Moura<sup>36</sup>. O chá, cuja preparação consiste, segundo dona Maria de Lourdes<sup>37</sup>, na infusão de parte de determinada erva ou planta em “água [...] ferve[n]te [que depois será abafa[da]]” para preservar as propriedades medicinais, ainda é um dos principais modos de preparo dos remédios, porém os processos estão se sofisticando cada vez mais, como relata dona Valmira:

Tem a babosa [...] faz o comprimidinho dela também, se tiver alguma infecção por dentro aí bebe o comprimidinho. Eu já fiz muito, corta a folha e tira aquele óleo dela no pratinho, aí põe farinha de trigo e faz as bolinhas aí bota pra secar, ficar no sereno e no sol, coloca um pano, [...], aí fica lá uns cinco dias, depois é só beber os

<sup>36</sup> João Francelino de Moura, 57 anos, entrevista concedida em 22/08/2019

<sup>37</sup> Maria de Lourdes Pereira Santos, 58 anos, entrevista concedida em 25/08/2019

comprimidinhos é muito bom pra quem tem infecção por dentro, problema de intestino[...]<sup>38</sup>

Diferentemente dos outros preparos que utilizam como veículo para os extratos vegetais a água, o óleo ou o álcool, dona Valmira inova ao usar a farinha de trigo, explicando:

Porque ele [a babosa] amarga e é fedido. Aí fazendo o comprimido fica mais fácil para tomar porque ele é anti-inflamatório, aí tem que ser o comprimido pra ficar mais fácil para beber. Se beber fazendo o chá não vai, só faz pra infecção por dentro, alguma infecção, só é boa comprimidinho, por isso a gente faz para ficar fácil para beber<sup>39</sup>.

Sua justificativa para escolher a farinha de trigo como veículo é tanto uma preocupação com a funcionalidade, quanto com a eficácia. Quando relata que a Babosa é amarga e tem mau cheiro, ela está interessada em resolver um problema específico relativo à funcionalidade: como tornar a administração desse remédio mais fácil, visto que, além do odor e do gosto ruim, a Babosa é composta por uma substância viscosa o que dificulta a ingestão. Como ela mesma esclarece: “não dá para fazer o chá”; assim, a solução encontrada, na forma de uma nova tecnologia social, foi manufaturar um comprimido.

No que concerne à eficácia, o uso da farinha de trigo também resolve um problema, nesse caso, produzindo uma solução de saúde. Dona Valmira tem conhecimento que a Babosa, por sua viscosidade, se adapta melhor à administração tópica, porém ela também reconhece que a Babosa têm propriedades anti-inflamatórias e que combatem “infecções por dentro” do corpo, ou seja, para que o tratamento seja eficaz na cura das infecções internas não basta usá-lo na forma tópica, é preciso ingeri-lo. Dona Valmira compreende o comprimido de Babosa como um instrumento capaz de promover uma solução de saúde o que faz com ela defenda que de outro modo, por exemplo preparado como chá, “não vai”, ou melhor não funciona e não produz o resultado esperado: a cura da infecção.

Essa busca pela eficácia nos tratamentos com plantas medicinais faz parte da consistência intersubjetiva Comum não organizada que circula por entre os repertórios

---

<sup>38</sup> Valmira de Sousa França, 57 anos, entrevista concedida em 09/11/2019

<sup>39</sup> Valmira de Sousa França, 57 anos, entrevista concedida em 09/11/2019

socioculturais dos moradores do Assentamento Fortaleza. Dona Nelma, por exemplo, vincula os usos que faz das plantas medicinais a dois resultados: de um lado não “precisá ir na farmácia” e, de outro lado, constatar que: “nois sarava, sarava tudo”<sup>40</sup>. Constituindo o domínio intergeracional, uma carga de tradição, sem dúvida, sustenta os saberes e fazeres dos moradores do Assentamento Rural Fortaleza no que concerne aos usos plantas medicinais, porém não é apenas como resistência cultural que essas pessoas mobilizam o conhecimento do biosistema vegetal, elas também tratam esse conhecimento como instrumento para alcançar resultados no campo da saúde e, nesse sentido, formulam um outro domínio: o domínio das soluções de saúde, o qual é pensando como estratégia para ser eficaz contra as doenças que acometem o grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar o cultivo e a coleta das plantas medicinais como prática e estratégia de saúde dos moradores do Assentamento Rural Fortaleza, dividimos a análise em dois blocos: no primeiro, registramos as espécies coletadas na área de Cerrado do referido assentamento, na sequência, a partir do arcabouço metodológico da Etnobotânica, passamos a descrever as ações terapêuticas dessas espécies e seus modos de preparo. No segundo bloco registramos as espécies cultivadas nos quintais dos moradores do assentamento, destacando, na continuidade, as principais enfermidades tratadas e os fazeres dos remédios, conforme os relatos dos moradores entrevistados e a abordagem etnobotânica.

No que se refere à coleta das espécies, o ambiente natural dos Cerrados é compreendido pelos moradores do território como uma reserva da matéria prima necessária à constituição de suas soluções de saúde; nesse caso, o vasto conhecimento do biosistema destaca-se quando os entrevistados fazem referência às técnicas adequadas para extração dos estratos naturais, assim como às épocas certas para essa ou aquela coleta.

As espécies coletadas com maior destaque nos relatos foram a Mangabeira, o Jatobá e o Inharé, dos quais se utiliza tanto as cascas, quanto as folhas. Segundo os relatos etnobotânicos, a

---

<sup>40</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019

ação anti-inflamatória é a principal propriedade dessas três espécies. Contudo, entre as espécies coletadas listadas pelos moradores, as soluções de saúde não se restringem à terapêutica anti-inflamatória, muitas outras enfermidades se fazem presente no repertório terapêutico dessas pessoas: desde ações contra febres e resfriados, ações antivirais e antimicrobianas, até tratamentos contra infecção urinária e afecções de pele.

No que concerne às espécies cultivadas nos quintais, uma das principais características desse repertório terapêutico é permitir às pessoas que moram no assentamento o acesso imediato às plantas que suprem suas necessidades de saúde. O quintal, nesse caso, favorece que relações de sociabilidade se desenvolvam no grupo por permitir de forma mais cotidiana a troca de saberes e a partilha dos insumos naturais ou dos próprios remédios. Dentre as (dezoito) 18 espécies cultivadas nas proximidades das casas dos entrevistados, o Poejo foi a espécie mais citada por suas propriedades no combate às gripes e febres, especialmente em crianças. Quanto às doenças tratadas, doze (12) das ervas e plantas cultivadas nos quintais são elencadas como parte da terapêutica de febres e gripes, embora outras enfermidades como: inflamações, doenças gastrointestinais, ferimentos, etc., também tenham sido referidas.

Outros aspectos em destaque são os modos de preparo e as partes utilizadas na elaboração dos remédios com as plantas cultivadas nos quintais, na maioria dos remédios são usadas as folhas e as raízes, sendo que a forma de preparo preferencial é o chá. As infusões, na forma de chá, são parte de uma longa tradição intergeracional partilhada, principalmente, entre mães e filhas.

Sobre esse partilhamento, evidenciou-se que os moradores do assentamento têm um domínio consistente das propriedades curativas de cada espécie coletada e cultivada. Assim, embora não seja um saber organizado, o Comum constitui uma intersubjetividade capaz de sustentar as práticas e estratégias de saúde desse grupo por meio da difusão da ideia do “quem ensinou disse que...”<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Nelma Maria Lopes dos Santos, 58 anos, entrevista concedida em 21/08/2019.

Nesse sentido, o conhecimento sobre as plantas medicinais no Assentamento Rural Fortaleza fundamenta-se em dois domínios intercambiáveis. Primeiro, o domínio da tradição intergeracional, o qual consiste no aprendizado e transmissão dos conhecimentos acerca das espécies, das ações terapêuticas e dos fazeres de preparação. Esse domínio é constituído pela autoridade da tradição partilhada, ou seja, é sustentado pelos saberes aprendidos com as gerações passadas e é assegurado pela reprodução no contexto dos fazeres cotidianos.

Contudo, não é apenas o domínio intergeracional que fundamenta os conhecimentos sobre as plantas medicinais nesse assentamento, outro domínio é basilar: o domínio das soluções de saúde. Os relatos dos entrevistados colocam em perspectiva a ideia da eficácia do remédio natural a cada vez que dizem “é bom” “é boa”, “nois sarava tudo”, delineando uma experiência sólida de resolução de problemas de saúde por meio das plantas medicinais. De fato, segundo as análises realizadas, no intercâmbio desses dois domínios, os moradores do Assentamento Rural Fortaleza atuam na construção de mecanismos capazes, apesar das dificuldades, de promover a saúde do grupo por meio de repertórios partilhados.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. *Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial*. Belém, PA: FCPTN, 2012.

ALBUQUERQUE Ulysses Paulino de; HANAZAKI, Natália. As pesquisas etnodirigidas na Descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, Curitiba, 16 (Supl), p. 678-689, dez. 2006.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Iara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli; *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 27 n. 50, p. 197-226, ago. 2014,

BADKE Marcio Rossato; BUDÓ, Maria de Lourdes Denardin; SILVA, Fernanda Machado da; RESSEL, Lúcia Beatriz. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. *Rev. Escola Anna Nery* (impr.), Rio de Janeiro, v. 15 (1), p. 132-139, jan-mar. 2011.

BUENO, Norlene Regina et al. Levantamento Etnofarmacológico e Farmacológico de Plantas Medicinais comercializadas em Rondonópolis (MT). *Biodiversidade*, Cuiabá, v.2, n.18, p. 02-20, 2019.

CARVALHO, Sabrina Brabo de Araújo et al. Estudo em bases de patentes sobre a andiroba e suas base anti-inflamatórias. *Pará Research Medical Journal*, Belém, 2019.

CARVALHO, Maria Adeilde; COSTA, José Fernando Oliveira. Derivados Vegetais Similares a Estrógenos (Dvse) no Tratamento dos Sintomas do Climatério. *Revista Fitos*. Rio de Janeiro, v.6, nº 01, p. 35-42, dez. 2011.

CHAGAS, José Henrique; PINTO, José Eduardo Brasil Pereira; BERTOLUCCI, Kelly Vilela Suzan; SANTOS, Fúlvia Maria dos. Produção de biomassa e teor de óleo essencial em função da idade e época de colheita em plantas de hortelã-japonesa. *Acta Scientiarum Agronomy*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 327-334, 2011.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000.

CORMINEIRO- MEDEIROS, O. M. M. A ocupação da terra nas narrativas de Carmo Bernardes e José Maria Audrin: sertão dos vales do Araguaia e Tocantins (1900 -1950). *Outros Tempos*, São Luís, v. 12, n. 20, p. 29-55, 2015

DALMAGRO, Ana Paula; GASPARETTO, Adriana. *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl: constituição fitoquímica. preliminar e efeito antibacteriano. *Brazilian J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 532-544, jan-fev. 2020.

DUARTE, Maria Cristina Teixeira. Atividade Antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil. *Revista Multiciência (SEER)*, Campinas, n.7, p. 01-16, 2006

FERRAZ, Cleidiane Vedoy.; CHAGAS, Juciéli Chiamulera das; DORIGON, Elisangela Bini. *Artemisia absinthium* L.: Aplicabilidade na saúde humana. *Brazilian J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 10650-10661, jul-ago. 2020.

FOGLIO, Mary Ann; QUEIROGA, Carmem Lúcia. SOUSA, Ilza Maria de Oliveira. RODRIGUES, Rodney Alexandre Ferreira. Plantas Medicinais como fonte de recursos terapêuticos: um modelo multidisciplinar. *Multiciência (SEER)*, Campinas, n.07, p. 01-22, 2006.

GARCIA, Ana Paula Meneses; ORLANDA, José Fábio Franca. Avaliação da atividade antimicrobiana in vitro do extrato bruto hidroalcolico de *Mangifera indica* Linneau. *Revista Cubana de Plantas Medicinales*, Havana, v. 19(1), p. 189-198, 2014.

HARDT, Michael, Antonio NEGRI. A. *Bem-estar comum*. São Paulo: Record, 2016.

\_\_\_\_\_. *Multidão: guerra e democracia na Era do Império*. Rio de Janeiro, Record, 2005.

JACOMASSI, Ezilda; MOSCHETA, Ismar Sebastião; MACHADO, Silvia Rodrigues. Morfoanatomia e histoquímica de *Brosimum gaudichaudii* Trécul (Moraceae). *Acta bot. bras.* São Paulo, v. 21(3), p. 575-597, jul-set. 2007.

JANUÁRIO, Sandra Regina; LOPES, Sandra Silvério. O Poder Terapêutico do Ipê Roxo e seu Uso na Terapia Complementar ao Tratamento de Neoplasias. *Rev. Bras Terap e Saúde*, Curitiba, v. 5(1), p. 09-14, 2014

KROHLING, Aloísio. A busca pela Transdisciplinaridade nas Ciências Humanas. *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, Vitória, v. 2, p. 193-212, 2007

MACIEL, Maria Aparecida Medeiros; PINTO, Angelo da Cunha; VEIGA JÚNIOR, Valdir Florêncio; GRYNBERG, Noema Faiga; ECHEVARRIA, Aurea. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Química Nova*, Rio de Janeiro, v.25, n.3, p.429-38, 2002.

MARINHO, Diogo Guimarães et al. O látex obtido da *Hancornia speciosa* Gomes possui atividade anti-inflamatória. *Journal Ethnopharmacology*, Amsterdã, v. 135, n. 2, p. 530-537, 2011

MARMITT, Diorne Jonatas; REMPEL, Claudete; GOETTERT, Márcia Inês; SILVA, Amanda do Couto e. Análise da produção da Curcuma longa L. (açafreão) em três bases de dados após a criação da RENISUS. *Rev. Pan-Amazônica Saúde*, Ananindeua, v. 7(1) p.71-77, mar. 2016.

MIRANDA, Gilson Santos; MACHADO, Bruno Bento; COELHO, Felipe Pereira. Atividade antibacteriana *in vitro* de quatro espécies vegetais em diferentes graduações alcoólicas. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.15, n.1, p.104-111, 2013.

NASCIMENTO, Eloiza Maria et al. Estudo fitoquímico e potencial antibacteriano do látex de *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel. *Biota Amazônia*, Macapá, v. 8, n. 4, p. 28-32, 2018

NUNES, Luís. Eduardo. Estudo de interações “*in vitro*” entre extratos hidroalcoólicos de plantas medicinais e drogas antimicrobianas sobre linhagens multirresistentes de *Staphylococcus* sp. - *Anadenanthera macrocarpa*. 73p. 2012. *Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia)* - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2012.

OLIVEIRA, Maria Clara Borges et al. Toxicidade e atividade antibacteriana de plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças respiratórias: revisão integrativa. *Research Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 9, e244997169, p. 01-29, 2020.

PAGANOTTE, Daniele Michelin; SALGADO, Hérida Regina Nunes Avaliação da atividade laxante de *Operculina macrocarpa* L. Urban (Convolvulaceae). *Revista Brasileira de Farmacognosia*. Curitiba, v. 14, n. 2, p.105-109, jul-dez. 2004.

PALHARES, Dário. Analgésicos comuns para o alívio de cólicas do lactente. *Rev. Fac. Ciênc. Méd*, Sorocaba. v. 21(3), p. 141-144, 2019.

PELÚZIO, Maria do Carmo Gouveia; BATISTA, Anderson; GONÇALVES, Reggiani Vilela; BRESSAN, Josefina. Antioxidant and Antimicrobial Activities of Crude Extracts and Fractions of Cashew (*Anacardium occidentale* L.), Cashew (*Anacardium microcarpum*), and Pequi (*Caryocar brasiliense* C.). *A Systematic Review. Hindawi- Oxidative Medicine and Cellular Longevity*, Cairo, v. 2018, p. 1-13, 2018.

PIERI. Fábio Alessandro; MUSSI, Maria Carolina Martins; MOREIRA, Maria Aparecida Scatamburlo. Óleo de copaíba (*Copaifera* sp.): histórico, extração, aplicações industriais e propriedades industriais. *Revista Brasileira de Plantas Medicais*. Botucatu, v. 11, n. 4, p. 465-472, 2009.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração de saberes. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 3-15, out. 2006

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio; SILVA, Harley.; LUCENA, Mariene Emanuelle da Silva. Geopolítica das Usinas Hidrelétricas, lutas por re-existência e Pedagogias da colonialidade na Amazônia do Tempo Presente. In: REIS, Tiago Siqueira [et al.] (Org.). *Coleção história do tempo presente*: volume 3, Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. Volume 3.

SALES, Gleiton Weyne Passos; BATISTA, Andressa Hellen Moraes; ROCHA, Larissa Queiroz; NOGUEIRA, Nádia Accioly Pinto. Efeito antimicrobiano e modulador do óleo essencial extraído da casca de frutos da *Hymenaea courbaril* L. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, Araraquara, v.34, n.4, p.709-715, 2014.

SANTOS, Ana Paula Gomes; OLIVEIRA, Amanda Santana; OLIVEIRA, Vânia Jesus dos Santos. Uso e eficácia da Erva Cidreira, um comparativo entre Conhecimento Científico e Senso Comum: metassíntese. *Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management*, João Pessoa, v. 14., n. 2, p. 145-179, abr/jun 2018.

SANTOS, Valéria Pereira.; TRINDADE, Luma Mota Pereira. A Enfermagem no uso das plantas medicinais e da Fitoterapia com ênfase na saúde pública. *Revista Científica FacMais*, Inhumas, v. VIII, Número 1. p. 48-63. 2017

SILVA, Lucas Bento da. Saberes-fazeres tradicionais como alternativas ao desenvolvimento capitalista nas comunidades negras rurais da América Latina. *Escritas: Revista de História de Araguaína*. v. 11, n. 2, p. 32-41, jul/dez. 2019.

SOARES, Dalva Mesquita; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro. Antunes; CARNEIRO, Vandervilson Alves. As lutas do MST e dos camponeses pela posse da terra nos assentamentos Padre Josimo I e II no estado do Tocantins. *Revista Temporis[ação]*, Cidade de Goiás, v. 20, n. 01, p, 01-25, jan/jun. 2020.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Francisco A. de Varnhagem (org.). Companhia Editora Nacional: São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre, 1978.

SOUZA, Vanessa Almeida; NAKAMURA, Celso Vataru; CORRÊA, Arlene Gonçalves. Atividade Antichagásica de Lignanas e Neolignanas. *Rev. Virtual Quim*, Niterói, v. 4 (3), p. 197-207, mai-jun. 2012

SOUZA, Otávio Isidro et al. Atividades Farmacológicas da Arruda (*Ruta Graveolens*). In: Congresso de Ecologia do Brasil, 8. 2007, Caxambu-MG. *Anais do Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil*, Caxambu, set. 2007. p. 01-02.

STEIN, Ana Cristina et al. Ethnoveterinary medicine in the search for antimicrobial agents: antifungal activity of some species of *Pterocaulon* (Asteraceae). *Journal of Ethnopharmacology*, Amsterdã, v. 99, p. 211-214, 2005.

VEIGA JUNIOR, Valdir Florêncio; PINTO, Angelo Cunha; MACIEL, Maria Aparecida Medeiros. Plantas Medicinais: cura segura?. *Química Nova*, São Paulo, v. 28, No. 3, p. 519-528, 2005



*Submissão: 21 de outubro de 2020*

*Avaliações concluídas: 10 de dezembro de 2020*

*Aprovação: 19 de dezembro de 2020*

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

MEDEIROS, Olivia Macedo Miranda de; FRANÇA, Leila Sousa. Coleta e cultivo de plantas medicinais: a terapêutica comum partilhada nas áreas de cerrado e nos quintais do assentamento rural Fortaleza. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v.20, n.2, p.1-28, e-200210, jul./dez., 2020. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive> >. Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >